

SÉRGIO MATTOS

O VIGIA DO TEMPO

Salvador- Bahia-Brasil

1977

MATTOS, Sérgio

O vigia do tempo; apresentação de Antonio Loureiro de Souza
Com um estudo de toda a obra do autor publicada de 1968 a 1977.
Salvador, Gráfica Universitária, 1977.

66 p.

1.Poesia brasileira

CDD B869.1
CDU 869.0(81)-1

**Dedico este livro a
Minha mulher, Maria Helena e aos
filhos Paula e Rafael
e aos amigos
Antonio Loureiro de Souza
Jorge e Dionée Costa
Arthur Couto, Vera Matos,
Luís Ademir Souza
e a Elsio Vidal.**

Copyright – Sérgio Mattos, 1977

Capa de: Graça Ramos
Ilustrações de: Menandro Ramos

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

A poesia de Sérgio Mattos

Antonio Loureiro de Souza
(Da academia de Letras da Bahia)

Sérgio Mattos não é mais um poeta novo. Novo no sentido de surgimento. Colaborando efetivamente na imprensa, participando de antologias e publicando livros, já se tornou conhecido. Conhecido e apreciado porque, embora jovem, não havendo atingido, ainda, os 30 anos a sua poesia é cheia, replenada de uma intensa carga lírica e poucos não são os seus poemas onde predomina uma forma conceitual que a maioria dos aedos só consegue na maturidade. Simples, espontâneo, seguro na afirmação, com imagens surpreendentes pelo conteúdo estético, já pode ser havido a esta altura, pela crítica mais sisuda, como um poeta real, verdadeiro, e, não, um fabricante frascário de palavras alinhavadas ao jeito de poema. Integrando a denominada poesia nova, libertária, franca, aberta para a análise dos problemas universais, ele se situa entre os jovens que, na Bahia, levam a sério a tarefa, que vem de dentro de si mesmo, de transbordar emoções, contagiando o leitor com a força da sua criação artística, o que, no final das contas, é o fundamental para todos os vates, em todos os tempos. Se considerarmos que poesia, no sentido mais puro é, como definia Benedetto Croce, a expressão de um sentimento interior que aflora para transmitir uma emoção legítima, Sérgio Mattos, consubstanciando tal definição, se afirma poeta. Se há, na maioria da sua produção, um tom, não diríamos severo, mas sério, mesmo ao abordar

temas aparentemente frívolos, é que, como afirmamos já, esse tom de maturidade é uma característica natural e essencial da sua própria natureza criadora. Até mesmo o amor – fulcro onde se assenta toda a poesia universal, em todas as épocas – ele trata com um tom de reserva. A tônica amarga é rara em sua poética. Falaria antes com a sentença de Álvaro Moreyra: “As amargas, não”. É que, em sendo jovem, havendo, embora, lutado pela vida, para triunfar pelo estudo, pelo trabalho, sente-se que não e da sua formação espiritual e intelectual ver a vida em estado agônico, antes iluminada de sonhos e de beleza, onde ele esparge os seus versos como cânticos de uma alma ansiosa de perfeição.

Na primeira revista de poesias – “Experimental-1”, coletânea que reúne quatro poetas, inclusive Sérgio Mattos, publicada em 1968, vai, portanto, para quase dez anos, quando o poeta mal transpunha o limiar dos 20 anos, já se nota no poema “Metáfora nº 1”, estes versos prenhes de inquietação:

**Árvores que crescem
são forças revolucionárias**

**Alocações de protesto?
– inconformismo... –
é o princípio da dinâmica**

**Massa (encefálica) em movimento...
reação de causa e efeito
Árvores que crescem
dão frutos secretos:
– elásticos e explosivos –**

Não há contestar o sentido simbólico dado pelo poeta e a quase oculta mensagem que reveste o poema, explicado no próprio título, refletindo um sentido de libertação e de universalidade.

Um ano decorrido desse “Experimental-1”, surge o de número 2, igualmente enfeixando sete poetas, Sérgio inclusive. Surgem aí, novamente, outras metáforas. Esta, por exemplo:

**Sonhos pseudos,
afirmação autômata,
delírio no pensar-ser
dos degraus da política.**

**Alguns, em linha...
no nacionalismo fogem.**

**Outros,
na política pelejam
autodeterminando
a busca em afirmação...**

Será um poema hermético? Metafórico, sim. Jamais hermético. Ao jeito e ao modo, em alguns passos, de certos poemas de Fernando Pessoa. Se não têm, como os deste, a mesma grandeza, possuem uma força que é bem um índice de aproximação.

Ainda em “Experimental-3”, do mesmo ano (1969), desta vez reunindo 11 aedos, todos em plena floração, Sérgio é menos simbólico. Embora apareça outra “metáfora”, há este “Saudade”, que é um grito, quase alucinado, de amor. Aí entram o sonho e o anseio. A suave angústia. A eterna espera do seu outro “eu” para uma integração recíproca. É o jovem de 21 anos amando a vida, amando o amor, desesperado pela ausência e sentindo o “gosto amargo de infelizes”, de que nos fala Garret. Senão vejâmo-lo:

**No rosto os restos, às régias
as pétalas, a vela e o fogo...
Assinalado no eito entristeci
no tempo e no leito espero
prosternado, sonolento, tua volta.**

Mas Sérgio Mattos teria que deixar as antologias, as publicações experimentais para aparecer, só, em livro. Há um pequeno hiato de 4 anos, afora publicações isoladas, esparsas nos jornais. E surge, então, o seu “Nas Teias do Mundo”, com penetrante prefácio de Carlos Eduardo da Rocha e orelha de Guido Guerra. Já se nota, então, nos versos do autor, uma nova dimensão, uma outra valoração na construção poemática. Repetiríamos Guido quando assevera: “Experimental revelou-nos um excelente aprendiz de poeta: Sérgio Mattos. E o aprendiz se fez poeta”. Mas, mesmo aprendiz, ele já nasceu, para lembrarmos a lírica portuguesa, um fidalgo aprendiz... Querem ver uma mostra ao acaso?

**Já não existe
noite sem luz
– tudo está claro –**

**Já não existem
a Ru sem movimento
e o movimento nas praias
– Queria ter paz para todos –**

**Já não existem
lágrimas nos olhos
e paz nos corações
– tenho lágrimas para todos –**

Pois não temos aí um instante de ternura, de otimismo, de beleza universalista? É o poeta sazonado. Amadurecido, embora em plena juventude.

Em 1974, volve o poeta à antologia e participa de “Cinco Poetas Contemporâneos”, com lúcida apresentação de Jorge Calmon, que salienta, a certo trecho: “E é bom, é confortante testemunhar que, nestes duros dias, presentes, ainda há poetas, que cantam, que sonham, que sabem extrair do material da vida, imagens de otimismo, mesmo quando sentidas da dúvida e da amargura”.

Vem, depois, (1975) “Retina”, igualmente antologia. E Sérgio aí está presente, com versos como estes:

**Senti o poema
Somei os sentimentos,
mas não o escrevi:
Era perfeito demais para existir...**

Escreveu-o, sim. E como! Dando-nos uma mensagem, algo cética embora, de que, assoberbado pelos sentimentos, não os pôde transmitir. Mas fê-lo, ainda assim, porque disse o que lhe n’alma palpitava, embalde a inquietação e a terna angústia...

Agora aparece “O Vigia do Tempo”. Título bem achado. Lembra aquela famosa assertiva de Schopenhauer: “É nas obras dos poetas que se há de estudar uma época”. Porque o poeta, o vate, enfim, na significação lata da palavra, é o eterno vigia do tempo. Desde as mais prístinas eras tem sido assim. É assim, hoje. Sê-lo-á, também, no futuro, até a consumação dos evos. Vigia permanente do tempo e, dentro nele, da humanidade, com todo o seu cortejo de ânsias e de dores, de ambição e de angústias, de ternura e de amor, de contrastes e confrontos, de dúvidas e de afirmações, onde o poeta aparece para cantar, e, no seu canto, simbolizar um sentimento coletivo e universal. E é por isso que ele vê a Musa assim:

**E eis que, pela vidraça,
sem nenhum disfarce,
eu a vi cheia de graça.**

“O Vigia do Tempo” é livro para ficar. O seu conteúdo é repleto de versos conceituosos, afirmativos, carregados de uma experiência surpreendente nesse moço que ainda vai fazer 30 anos. Eis aí, em rápidas pinceladas, o que podemos dizer da poesia de Sérgio Mattos, numa breve retrospectiva da sua criação artística desde os seus primeiros poemas. Uma coisa, no entanto, podemos assegurar, dentro, é óbvio, das nossas limitações: Sérgio Mattos é um poeta que dia a dia mais se afirma e que evolui para um

esteticismo cada vez mais apurado. É um poeta que ama a vida e sabe cantá-la com profundo amor. Por isso, através dos seus poemas, transmite o que sente, captado da própria vivência.

NOTA –

Sérgio (Augusto Soares) Mattos nasceu em Fortaleza – Ceará, em primeiro de julho de 1948. É filho de José de Castro Mattos e Maria Helena Soares Mattos. Fez o curso primário na terra natal. O Ginásio, no Seminário Central da Bahia, tendo concluído o curso no Ginásio São Bento e no Colégio Ipiranga. O colegial foi realizado no Colégio Estadual da Bahia (Central), onde participou dos movimentos culturais ali desenvolvidos. Em 1968 ingressou na Universidade Federal da Bahia onde se graduou em jornalismo no ano de 1971.

Em 1968, juntamente com o poeta Ivan Doria Soares, fundou e co-dirigiu a revista de poesia “Experimental”, que chegou a lançar cerca de 30 poetas inéditos. A partir desta data para cá tem colaborado com suplementos e revistas literárias, tais como “Conclave” e “O Saco” entre outras.

Em 1973 seu primeiro livro, “Nas Teias do Mundo” foi lançado pela Empresa Gráfica da Bahia (Ex- Imprensa Oficial). Em 1974 participou da antologia poética “Cinco Poetas Contemporâneos”, das Edições Contemp, com apresentação do acadêmico Jorge Calmon. E, 1975 integrou outra antologia: “Retina”.

Como jornalista, Sérgio Mattos vem tendo participação ativa no jornalismo baiano: foi repórter redator da revista “Liderança”; repórter, colunista e chefe de reportagem da “Tribuna a Bahia”, tendo integrado a equipe que fundou o jornal. Em 1972 ingressou no jornal “A Tarde”, onde foi editor de suplementos e criou o “Jornal de Utilidades” que editou durante quatro anos. Atualmente é editor local. Paralelo ao trabalho nos jornais locais, prestou serviços free-lancer para os jornais “O Globo”, “Jornal do Brasil” e nas revistas Manchete, Fatos e Fotos e Veja.

Exerce também a função de auxiliar de ensino da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal da Bahia, onde ingressou por concurso em 1976.

Primeira parte

**Porque vivemos
Num mundo sem custódias
E o poeta é o vigia do tempo**

(Sérgio Mattos)

DESAFIO

Escrevo com silencioso espanto
Meus dedos possuem um sentimento comum:
Eles procuram as formas simples.

Minha ânsia e segredos repousam
em minhas mãos
- estoque de reflexos sentimentais -

Os mistérios foram sugados
e minha pena é minh'alma.
Quem poderá deter a vida
que corre em minhas mãos?

(1969)

PEDIDO

Ao jardineiro pedem a rosa
Ao juiz pedem a justiça
Ao poeta pedem a verdade.

Por que se pede uma rosa
quando se sabe que fora do pé
pouco ela viverá?

Por que se pede justiça
quando se sabe que o devedor
ainda em vida pagará?

Por que se pede a verdade
quando todos sabem pedir
e poucos sabem dar?

(1975)

PSIU DA SILVA

“Bendito seja aquele que dá
de beber a quem tem sede”

Pobres farrapos
que à noite tremem
Pobres de vós
Porque o vento é frio
e a chuva cai.
Teu nome? Não sei
Talvez Chico, talvez Xavier,
Psiu da Silva
ou um João ninguém qualquer.

(1967)

NUNCA SERIA DEMAIS

Gostaria um dia
de fazer o tempo parar
e colocar tudo no lugar:
ninguém sofreria jamais
e o amor nunca seria demais.

Se este dia chegar,
todos vão se abraçar,
todos vão se amar,
todos vão ouvir o lamento do mar.

(Fevereiro/ 1976)

POETA DE PROVÍNCIA

O poema nasceu na província
- E agora, poeta, que te resta?
- O desafio de uma escolha somente:

Sepulte, envergonhado, teus versos
ou lance, no mundo, a semente.

(Setembro/ 1974)

PREVISÃO

Os versos provincianos do poeta
um dia conhecerão o mundo:
– Lançarei todos eles ao mar.

(07/12/1974)

DIVAGANDO

Por não ter uma árvore
onde gravar teu nome,
com fumaça
o escrevi no espaço.

E com graciosidade
ele percorreu os cantos da Cidade,
como num conto de fadas:
cheio de Liberdade.

(Zurich, 05/02/1976)

A MUSA

E eis que, pela vidraça,
sem nenhum disfarce,
eu a vi cheia de graça.

(novembro/ 1974)

TRANSTORNO

No passar do tempo
cavalo-de-pau de criança
virou filme de televisão.

(18/07/1975)

UMA TARDE NO PARQUE

Domingo
colhi flores
e libertei poemas
ao correr entre balanços,
gangorras e crianças.

(Dezembro/ 1974)

COMPOSIÇÃO ALCOÓLICA

Um
Zum
Zum-zumbido
sabido abriu meu peito
entornado de cachaça
e tudo virou fumaça...

(Março/ 1974)

NATAL POR SEGUNDO

Nasceu menino...
Morreu no espinho.
Brilhou estrela,
mostrando o caminho...

Partiram de longe
José e Maria
Nasceu menino
na estrebaria

Há PAZ em 24 horas ?
Não, mas em cada segundo
nasce um menino no mundo.

(1967)

POEMA REPORTAGEM

(para Florisvaldo Mattos

Fato
Vida
Preço
– notícia –
Nota?

Cheia
 feia ou
 colorida
 – técnica –

Notícia Técnica:
 fome-cheia
 vida-morta:
 é manchete,
 vejam a nota...

(1968)

O QUE SOU?

Sou o anjo da meia-noite
ou demônio da madrugada?

O anjo que anuncia o amor
e a liberdade
ou o demônio dilacerador
de corações e agente da maldade?

Sou um homem à procura de libertinagem
ou um poeta em busca de liberdade?

(1977)

JATOPRESS

O boato do passado,
o encontro da esquina
e a curiosidade, transformaram
a notícia em necessidade.

Do comunicado amigo
ou de qualquer aviso
uma notícia há de surgir,
rica de fatos e cheia de pressa.

Ela envelhece depressa
– É necessidade consumida,
no jornal e televisão,
no supermercado e na lotação.

(30/10/1974)

REMINISCÊNCIA

A infância passa
A saudade fica
A infância passa
não volta...
A saudade chega,
não passa...

(1967)

ÁGUA CORRENTE

Num poço profundo
aprisionei água corrente,
maculando sua pureza.

– Ela fugiu em nuvem branca
e, como chuva, pura retornou...

(15/05/1974)

NAVEGANDO

Fiz um barquinha com o papel
onde escrevi meus sentimentos.

Quando a chuva chegou
ele navegou
pelas alagadas ruas da cidade
– com a chuva perdi meus sentimentos –

(1976)

CANHÕES DE AMARALINA

(para Ruy Espinheira Filho)

De Ruy, Marinha
me apetece.
Gostaria que fosse minha
tão bela poesia, que entenece.
Lendo seus versos,
transparecem as ondinas,
a areia fina
e os canhões de Amaralina.

(Maio/1974)

CENSURA

Amor

Dança

Pensamento:

Amordaçamento

(1977)

KOHOUTEK

Que sua figura
não profane o templo poético
nem o poeta perca a verdade.

Que nos labirintos do Universo
sua luz não sirva de aventura
nem seja dogma de nova Era.

Que sua luz sirva para eliminar
as sombras dos homens

Que a doçura insidiosa
de sua imagem popular
litúrgica e pouco vista,
devolva aos homens
a dignidade que foi ultrajada
e nos deixe aquele gostinho
de PAZ que o mundo está esquecendo.

(1973)

A VAGA

Na vida imprevista
encontrei versos e sorrisos,
dúvidas, dívidas
e a promessa d'uma vaga no Paraíso.
Não encontro, é fato,
uma vaga adequada
para o carro comprado
a perder de vista.

(1974)

URBANIZADO

O poeta urbano
já não canta, chora.
Chora o sino, o apito,
o grito e o hino,
a quermesse a prece,
a pressa e o stress.

(1974)

Segunda parte

**Seleção de alguns dos poemas que
integram as antologias poéticas “Cinco
Poetas Contemporâneos (1974) e
“Retina” (1975)**

URBANIZADO

O poeta urbano
já não canta, chora.
Chora o sino, o apito,
o grito e o hino,
a quermesse e a prece,
a pressa e o stress.

(outubro/1974)

VERSO DILUÍDO

Numa rua deserta achei um verso
Para não perdê-lo, na palma da mão
o escrevi.
Uma chuva sem importância
lavou minha mão e diluiu meu verso,
que correu no asfalto e sumiu.

(1974)

VERTICALIDADE

No crescimento vertical
de uma cidade
sepulta-se a humildade
do homem universal.

Chorei pingos de inspiração
pela falta de humanidade
desta vida teatral...

(1974)

POLUIÇÃO

Pleno de medo e encanto
cheirei um lírio partido,
jogado, perdido no canto
daquele jardim, de espinhos
e rosas, à beira do caminho.
Palpitando seu perfume aspirei
e o olfato do poeta,
já poluído, nada sentiu...

(1974)

VALOR (IN)VERSO

Passa, passa
passarinho.
Se você já não tem
medo de espantalho,
de quem o homem sente medo?

(Julho/ 1975)

SUICÍDIO TRISTE

Piu, piu, piu.
Um filhote de sanhaço
tentou solitário um vôo
em direção ao sol.

Caiu num tacho de mel.
Mel, melado, melaço.
Coitado do sanhaço,
morreu
de tanto mel que bebeu.

(1974)

PERFEIÇÃO

(para Guido Guerra)

Senti o poema
somei os sentimentos
mas não o escrevi:
Era perfeito demais para existir...

(1971)

INCOERÊNCIA

Plantei uma roseira
e os botões de rosa brotaram.
Para que uma roseira plantei
se a vida de espinhos está cheia?

(1974)

PUREZA ANÔNIMA

(para Julieta Isensée)

Dos píncaros
brotam as fontes
d'água fresca.
Beberei desta transparência
na esperança
de restituir a minh'alma
a pureza anônima
da primeira batida de meu coração...

(1974)

TE AMAREI SEM PÂNICO

Convém amar
enquanto vivo
frágil mortal
sem forças para pensar.

Amarei sem fúria,
como quem não tem
pressa e sussurrando,
como quem pede perdão.
Te amarei sem pânico,
tranqüilamente...

(1971)

DE UMA VISÃO UTÓPICA

(para Jorge Amado)

O sol matutino libertou-me
com seus raios fulgurantes
e matei minha sede
na floresta da sabedoria.

Bebi a seiva de suas árvores
e criei raízes
na terra impoluída.

(1973)

O SORRISO DE PAULA

minha filha

Um sorriso
comprido
sem artifício
nem vício.
Um sorriso
puro,
de encanto,
de criança.
É o sorriso
que tenho na lembrança
nos momentos distantes,
na hora do abraço,
do encontro e do cansaço.

(1974)

SUMÁRIO

A poesia de Sérgio Mattos.....	9
Desafio	19
Pedido	20
Psu da Silva	23
Nunca seria demais	24
Poeta da província	25
Previsão	26
Divagando	27
A musa	28
Transtorno	29
Uma tarde no parque	30
Composição alcoólica	33
Natal por segundo	34
Poema reportagem	35
Que sou?	36
Jatopress	37
Reinscência	38
Água corrente	39
Navegando	40
Canhões de Amaralina	41
Censura	42
Kohoutek	43
A vaga	44
Urbanizado	47
Verso diluído	48
Verticalidade	51
Poluição	52
Valor (in)verso.....	53
Suicídio triste	54
Perfeição	55
Incoerência	56
Pureza anônima	59
Te amarei sem pânico	60
De uma visão utópica	61
O sorriso de Paula	62